

## 14

**O ATO POÉTICO DE ENHEDUANNA: um estudo literário e psicanalítico sobre o que transborda de uma escrita feminina.**

***THE POETIC ACT OF ENHEDUANNA: A Literary and Psychoanalytic Study on What Overflows from a Feminine Writing.***

Wildicleia de Oliveira Santos Lopes<sup>60</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa o poema “A Exaltação de Inana”, de Enheduana, articulando literatura e psicanálise para compreender o modo como o corpo feminino, inscrito poeticamente, opera como ato de resistência e subversão cultural. A representação simbólica do corpo em Enheduana inaugura um espaço de fala para a experiência feminina no contexto mesopotâmico, deslocando os discursos hegemônicos sobre a mulher e abrindo novas possibilidades de subjetivação na história da literatura. Ao explorar o corpo como território de inscrição simbólica, a escrita de Enheduana tensiona o silenciamento histórico das mulheres, investindo a palavra de potência política e estética. A partir da psicanálise, discute-se como o gesto poético transforma o corpo em lugar de elaboração de sentidos, dignificando a experiência feminina e reposicionando-a no campo do desejo, da criação e da linguagem. Assim, o poema evidencia que a escrita de Enheduana não apenas expressa uma vivência singular, mas também produz um marco cultural capaz de questionar normas sociais e inaugurar novas leituras sobre o corpo e a autoria feminina. A pesquisa demonstra a relevância desse processo para os estudos literários e psicanalíticos, sugerindo que a poesia de Enheduana opera como ato fundador de resistência simbólica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo Feminino; Ato poético; Subjetivação.

**ABSTRACT:** This article analyzes the poem “The Exaltation of Inanna,” by Enheduanna, bringing together literature and psychoanalysis to understand how the female body, poetically inscribed, operates as an act of resistance and cultural subversion. The symbolic representation of the body in Enheduanna opens a space of expression for the female experience within the Mesopotamian context, displacing hegemonic discourses on women and creating new possibilities for subjectivation in the history of literature. By exploring the body as a territory of symbolic inscription, Enheduanna’s writing challenges the historical silencing of women, investing the word with political and aesthetic power. Drawing on psychoanalysis, the article discusses how the poetic gesture transforms the body into a place of meaning-making, dignifying the female experience and repositioning it within the fields of desire, creation, and language. The poem demonstrates that Enheduanna’s writing not only expresses a singular experience but also produces a cultural landmark capable of questioning social norms and inaugurating new readings of the body and female authorship. The study highlights the

<sup>60</sup>Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Pós-graduada em Clínica psicanalítica pelo Centro Universitário CESMAC, Graduada em psicologia pelo Centro Universitário CESMAC. Docente no curso de psicologia CESMAC do Agreste. Membra do NAE (núcleo de apoio extensão) Cemac do Agreste. Psicanalista membra do Fórum de psicanálise do campo Iacaniano Alagoas (FCL-AL/ IF - EPFCL-Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3486-8361>. E-mail: wildicleapsi@gmail.com.

relevance of this process for literary and psychoanalytic studies, suggesting that Enheduanna's poetry operates as a founding act of symbolic resistance.

**KEYWORDS:** Female Body; Poetic Act; Subjectivation.

## INTRODUÇÃO

Investigar as raízes da literatura implica retornar ao ponto inaugural em que a palavra transforma a experiência humana em memória e criação simbólica. Desde sua emergência, a literatura molda a existência, oferecendo à cultura formas de narrar o mundo e organizar os afetos.

Esse percurso atravessou a oralidade, a letra e a escrita, permitindo que fenômenos e encontros humanos ganhassem forma textual, singularizando modos de subjetivação. Considerando que um dos propósitos da literatura é manter as pessoas vivas. (Goldberg, 2008).

Nesse movimento, a invenção da escrita pelos povos mesopotâmicos constitui marco civilizatório. Todavia, a narrativa sobre essa origem raramente evidencia a presença de uma mulher como primeira autora a inscrever-se na história da literatura: Enheduana.

Conforme destaca Scandolara (2022), Enheduana não é apenas a primeira poeta mulher conhecida, mas a primeira pessoa, de qualquer gênero, a assinar uma obra literária. A princesa-sacerdotisa, que viveu entre os séculos XXIII e XXII a.C., rompeu com o anonimato dos escribas e inaugurou um lugar simbólico em que o sujeito escreve de si.

A dimensão subjetiva de sua escrita se manifesta no modo como Enheduana inscreve o próprio corpo no poema “A Exaltação de Inana”, narrando exílio, emoção e súplica em primeira pessoa. Com esse gesto, a poetisa tensiona o silenciamento histórico das mulheres e cria, na superfície textual, um território simbólico onde o feminino comparece como potência política, estética e espiritual. O louvor à deusa Inana opera como ato de resistência cultural, reconfigurando papéis atribuídos à mulher na sociedade mesopotâmica (Pozzer, 2022).

A leitura psicanalítica desse processo permite compreender a força simbólica do corpo feminino enquanto lugar de enunciação. Desde Freud, a arte ocupa função central

na elaboração das verdades singulares que escapam ao discurso racional (Freud, 1926/2016).

A psicanálise reconhece no gesto poético um saber que emerge da falta, do não-dito e das zonas de indeterminação próprias da experiência subjetiva. Lacan (1955) aproxima o feminino dessa lógica, ao situar a verdade onde o sujeito só encontra sua própria subjetividade – um campo em que não há totalidade possível. E o feminino enquanto não-todo dialoga com o cerne da verdade.

Assim, retomar Enheduana é restituir à memória literária uma figura fundadora que desloca a lógica patriarcal e inaugura uma tradição em que o corpo feminino se faz palavra. Reavivar esse ato poético permite interrogar o modo como as vozes femininas foram apagadas das origens da cultura escrita, abrindo um campo crítico para novas leituras sobre o corpo, a autoria e a subjetivação. Ao inscrever-se no texto, Enheduana demonstra que a escrita feminina pode operar como gesto fundador de resistência simbólica, convocando a literatura e a psicanálise a revisitarem suas narrativas sobre a história, o desejo e a criação.

## QUANDO O CORPO SE FAZ PALAVRA

Nenhum campo do saber que se pretenda estudar as questões pertinentes à humanidade pode desconsiderar a importância das raízes, das histórias que tratam sobre as origens das coisas e dos acontecimentos no mundo. A literatura é um acontecimento de mundo. Ela desempenha um papel fundamental na história da evolução humana. Como destacou Puchner (2019, p. 9): “Desde seu surgimento, há 4 mil anos, a literatura moldou a vida da maioria dos seres humanos que habitam o planeta Terra”. Essa construção atravessou os séculos, passando pela oralidade, pela letra e pela escrita. Foram os amantes da linguagem que conferiram à letra a capacidade de dar origem à literatura.

Os fenômenos, as relações, os afetos e a vida, na alegria ou na tragédia, passaram a tomar forma de texto ofertando sentidos variados e dando singularidade aos encontros das subjetividades humanas. O belo, o feio, a dor e o amor se enredaram, para que na polifonia das vozes, experienciadas e lidas, cada um pudesse dizer e ouvir algo em torno das faces presentes nas múltiplas verdades humanas.

Historicamente sabe-se da importância dos povos mesopotâmicos na criação da escrita, o que pouco se dissemina, enquanto saber, é que essa escrita, conhecida por

cuneiforme – que inventou ou descobriu quase tudo que associamos à vida civilizada (Kriwaczek, 2018) – tem a primeira obra assinada pelas mãos de uma mulher: Enheduana.

Enheduana não é apenas a primeira poeta mulher da história, mas a primeira pessoa, de qualquer gênero, em qualquer tempo, em qualquer lugar, que escreveu o que chamamos de literatura e deixou sua marca para a posteridade (Scandolara, 2022, p.17).

Uma princesa-poetisa que viveu por volta de 2.285 e 2.250 a.C, uma figura de muita relevância para a cultura suméria, reconhecida por sua intelectualidade e liderança religiosa. Enheduana era filha do rei Sharru-kin, também chamado por Sargon ou Sargão, chefe de um império acadiano – cidade-estado de Acade, que ficava ao noroeste da Mesopotâmia.

Elá foi destinada por seu pai ao cargo de Suma Sacerdotisa – EN/ *entu* – do templo em Ur, edifício sagrado destinado para cultuar o deus Nana, deus lunar. Sua indicação a este cargo também carregava interesses políticos, pois o rei Sharru-kin tinha pretensões de estender seu poder territorial por toda a Mesopotâmia. Portanto, se vincular de algum modo à cidade de Ur – região localizada ao Sul do atual Iraque – era uma estratégia que possibilitaria unificar os povos sumérios e acádios.

O idioma de Acade se expandiu, tornando-se a língua mais difundida no território mesopotâmico e seguiu sendo utilizada em propósitos literários e religiosos, mesmo depois da queda do império de Sharru-kin.

Alguns estudos apontam que Enheduana era um nome artístico, um nome sumério, junção dos significados: Sacerdotisa (EN), adorno (HEDU), do céu (ANA), incorporando o que é possivelmente a figura mais arquetípica da poesia, enquanto princesa, poeta e sacerdotisa (Virtanen, 2019 apud Scandolara 2022). Enheduana destinava sua devoção à deusa Inana/Ishtar, por sua simbologia numérica que estaria associada ao deus de seu pai, o deus Nana e também pai da referida deusa Inana/Ishtar, deusa da guerra, do amor livre e do sexo, uma das célebres divindades do panteão mesopotâmico.

Em um período crítico do governo de Naram-Sin, sucessor no império de Sharru-Kin, Enheduana é expulsa de Ur e faz uma súplica pedindo ajuda ao deus Nana, deus este que não a escuta. Sem resposta, a princesa-poetisa roga à sua deusa de devoção, Inana, e por ela tem suas preces atendidas. Demonstrando seu poder, ela a reconduz ao seu lugar de origem e acolhe seu sofrimento, marcando a beleza no

encontro entre duas figuras femininas de exímia potência religiosa, política e econômica.

O texto “Exaltação à Inana” é um louvor a esta deusa, em que Enheduana utiliza a linguagem para endossar-lhe o poder e a beleza. Seus textos variam em comprimento e estrutura, algumas orações mais curtas e outras mais longas, divididas em várias partes, apresentando também complexidade na escrita. A escolha de Enheduana em louvar Inana não é casual, no universo simbólico mesopotâmico ela é retratada como uma figura poderosa e independente, uma antítese da ideia de uma mulher submissa de uma sociedade patriarcal (Pozzer, 2022).

A escrita da princesa-poetisa derrama sua pessoalidade quando ela escreve em primeira pessoa, retratando seu exílio, emoção e indignação. Uma das características dos escribas na Mesopotâmia era a não assinatura de suas produções, mas Enheduana deixa sua marca “ao se inserir no poema: *eu Enheduana / o mel da minha voz // virou babélico veneno / meu traço mais feliz // agora é pó*. (Scandolara, 2022).

Elá não só lança corpo em seu poema à divindade, como também assina um primeiro artefato produzido em um disco de alabastro, descoberto 1.925 na região de Ur pelo pesquisador Leonard Woolley, que se encontra atualmente no museu da Universidade da Pensilvânia. Em seu verso estava escrito:

Enheduanna, sacerdotisa *zirru*  
Esposa do deus Nanna,  
Filha de Sargão, rei do mundo,  
No templo da deusa Inanna-ZA.ZA  
Em Ur, fez um pedestal (e)  
O nomeou: ‘estrado, mesa do deus An’. (Bernabé-Sánchez; Pozzer, 2023)

O ato poético de Enheduana apresenta quebras simbólicas em períodos introdutórios da escrita no mundo. Uma mulher não só escreve, mas se inscreve no que profere em formato de palavras, ela diz de si, de seu clamor, inquietação, ardência de existir. Um feminino que se assina, transcende e transborda, que não se mantém na rasura do óbvio. Que faz memória. Retornar a isto permite repensar possibilidades vinculadas às memórias coletivas relacionadas às questões de ser e saber, apontando “para a abertura de um lugar crítico que permite interrogar, redefinir e afirmar uma memória que se instaura a partir da tensão entre a pluralidade tonal e a singularidade das vivências” (Bezerra, 2007, p. 37).

Os cânones apresentam os inúmeros e admiráveis homens que inauguraram este terreno fértil, onde se semeia a criatividade humana por meio do ato subversivo da escrita, porém, muito dos estudos vinculados às obras literárias em suas origens, escondem e silenciam as vozes femininas que nesta seara também fizeram história.

O silenciamento das vozes femininas não é apenas um fator dos arredores literários, mas uma questão civilizatória, que faz com que seja necessário retornar à história. E na história da literatura, em um ato poético de devoção, lá está uma mulher. Ser este interrogado pelas diversas áreas do saber, inclusive a psicanálise. Afinal, “quando se trata de amor, as mulheres são transgressoras e vivem o descompasso entre a cultura e o laço social” (Miranda, 2017, p.15).

Como não fazer literatura com isso? Vivo, inquieto e suplementar, e tal qual gozo nomeado por Lacan em seu *seminário 20*, quando ele aborda as temáticas sobre as mulheres. Feminino e literatura, duas forças que quando se encontram transbordam inquietude. O que se lança nas entrelinhas de um texto feminino é singular. Não se fecha, não se completa, denuncia o vazio que cabe em cada um que o encontra. A literatura feminina é um querer dizer que faz furo nas certezas, abre questão para o existir. A psicanálise se interessa por isso, se debruça com afinco nesta temática. A mulher existe nas entrelinhas, seja no ato ou no dizer.

No campo dos afetos corporais, a arte revela-se de grande valor para a psicanálise e desde o advento de sua teoria, a arte desempenhou um papel crucial nas formulações freudianas, com destaque para as obras literárias e poéticas.

Sigmund Freud rondava os segredos da literatura, para ele os poetas e literatos possuíam um saber relacionado à verdade, verdade esta, vinculada à experiência psicanalítica e não ao discurso da ciência.

No iniciar de sua construção sobre a práxis psicanalítica, Freud já alertava: “[...] a instrução analítica abrangeia ramos de conhecimento distantes da medicina e que o médico não encontra em sua clínica: a história da civilização, a mitologia, a psicologia da religião e a ciência da literatura [*Literaturwissenschaft*]” (Freud, 1926/2016, p. 284).

A teoria psicanalítica apostava na individualidade e singularidade da verdade, aquela parcialmente dita, que emerge nas lacunas de cada sujeito e que convergem entre si, ganhando sentido, fazendo sentir. Verdades misteriosas, encobertas por véus e máscaras, o que as tornam femininas.

Ao teorizar sobre as questões vinculadas às mulheres, Lacan afirma o quão único precisa ser o olhar sobre seus modos de existir, de acordo com o psicanalista é necessário contá-las uma a uma, aproximando tais compreensões ao que ele também revela em seus estudo sobre a verdade. Pois, segundo Lacan (1955) ela “se situa onde o sujeito não pode captar nada além da própria subjetividade”.

De tal modo, tanto a mulher quanto a verdade não podem ser expressas em sua totalidade. Visto que a infinidade de significantes pode falar de suas singularidades, mas não pode responder ao que significa ser mulher no mundo, como uma resposta única e coletiva, pois aí aponta um saber inconsciente, não revelado à luz da consciência, uma outra cena, onde as cartas são produzidas e sempre encontram seus destinos (LACAN, 1955).

Arte e psicanálise operam suas ações, cada uma com suas especificidades. Porém, no domínio do que escapa, do que se cria e fantasia, psicanálise e literatura falam em um registro similar. A literatura aproxima-se da vida, oferecendo à psicanálise ferramentas para observar a circulação de suas teorias, ampliando seus estudos e descobertas.

A escrita feminina de Enheduana, como um dos primeiros registos poéticos escritos, é uma recente descoberta. O ano de 2022, lança luz a estes estudos, nesse ano ela foi a figura central de uma magnífica exposição em The Morgan Library & Museum em Nova Iorque: “She who wrote: Enheduanna and women of Mesopotamia”, uma tentativa de aproximação do mundo feminino mesopotâmico a partir das imagens e da arte. Enfatizando o lirismo de suas composições que é próprio de uma sensibilidade incomensurável. (Bernabé-Sánchez; Pozzer, 2023).

Reavivar este ato poético enquanto potência histórica, considerando um saber que se perde diante dos interesses majoritários de uma civilização patriarcal, é ofertar campo para tantas outras vozes que resistiram e ainda resistem escrevendo e inscrevendo-se em torno de uma existência, que com todas as camadas de véus que lhe cobre, denuncia, aponta e faz causa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Retomar Enheduana é abrir um campo de memória que recoloca a mulher no início da história da escrita e da literatura, rompendo silenciamentos que atravessaram séculos. Sua inscrição poética, marcada pelo corpo e pela experiência, inaugura um

gesto de subversão que não se encerra no louvor à deusa, mas que ecoa como afirmação subjetiva e política.

A palavra que ela profere carrega o registro de um feminino que diz de si, que atravessa a ordem simbólica e se coloca como presença, indagando a história que o apagou. Nesse movimento, a literatura revela sua potência enquanto espaço de criação e de resistência, onde o corpo se converte em linguagem e o desejo encontra forma.

A partir dessa perspectiva, a experiência poética de Enheduana indica que o gesto inaugural de uma mulher escrever é também o gesto inaugural de uma outra forma de existir no mundo. Ao reinscrever essa voz, é possível tensionar as certezas instituídas, abrir perguntas e recolher sentidos que emergem da singularidade. Enheduana permanece como marca e memória, lembrando que o feminino na literatura não se limita à margem de uma tradição, mas compõe sua fundação, fazendo transbordar o que não pôde ser dito e reclamando o lugar de uma história que escreve e se escreve.

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA, M. C. F. **Memória, história e literatura: o lugar da crítica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- BERNABÉ-SÁNCHEZ, M.; POZZER, K. **She who wrote: Enheduanna and women of Mesopotamia**. New York: The Morgan Library & Museum, 2023.
- FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga (1926). In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GOLDBERG, Natalie. **Escrevendo com a alma**, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- KRIWACZEK, P. **Babilônia: a Mesopotâmia e o nascimento da civilização**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LACAN, J. (1996, 1973). **O seminário: livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. **O seminário**, livro 3: as psicoses (1955-1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Aluísio Quaresma de Britto. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- MIRANDA, Elisabeth da Rocha. **Desarrazoadas: devastação e êxtase**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017.

POZZER, Katia. A poetisa e a deusa ou essas maravilhosas mulheres orientais **Inana**: antes da poesia ser palavra era mulher. 2022.

PUCHNER, Mantin. **O mundo da escrita**: como a literatura transformou a civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCANDOLARA, Inanna (Org.). **Inana**: antes da poesia ser palavra era mulher. Tradução de Guilherme Gontijo Flores e Adriano Scandolara. São Paulo: Sobiinfluencia, 2022.

**Artigo enviado em:** 10/02/2025

**Artigo aceito para publicação em:** 19/06/2025.

**Indexadores:**

